

CRÔNICAS DE ARTHUR CARVALHO

O antigo membro do SEC/UR e colaborador da revista Estudos Universitários, Arthur Carvalho, destaca-se por sua atuação profissional como advogado e jornalista. Semanalmente este imortal da Academia Pernambucana de Artes e Letras brinda o leitor brasileiro com textos que transitam entre o jornalismo e a literatura, a história e a narrativa do cotidiano. A presente edição reuniu quatro crônicas na qual são rememoradas as vivências nos anos 1960 junto ao Serviço de Extensão Cultural que produziu a revista Estudos Universitários. Os trabalhos retomam o clima de esperança, medo, frustração e superação que permearam os anos que cercam a ditadura militar no Brasil.

ELES VÃO ATIRAR

Veículo: Jornal do Commercio

Publicado em: 08.04.2009

Quando os professores da Equipe Paulo Freire, do SEC, souberam do golpe, ficaram desarmados. Na manhã de 2 de abril de 1964, alguns de nós nos reunimos da Rua do Hospício, mais precisamente defronte do prédio antigo da Faculdade de Engenharia da Universidade Federal de Pernambuco. Organizávamos uma passeata pacífica de protesto contra o golpe, quando recebemos o aviso de certo líder estudantil, hoje senador, de que, por

prudência, deveríamos evitar a manifestação. Quanto às crises vagotônicas propriamente ditas, são tantas e de tão variadas modalidades, que não caberia uma exposição completa neste curto espaço de Ivanildo Sampaio. Conheço gente que nos momentos críticos da distonia neurovegetativa, sente falta de ar. Abrir a janela, deixar entrar a brisa da manhã, o perfume suave das flores do jardim, o canto dos pássaros, não resolve. Tanto oxigênio não lhe basta. Termina chamando a ambulância do SAMU. O escritor Marcius Cortês, hoje radicado em São Paulo, queria ir para Porto Alegre, aderir ao governador Leonel Brizola, para resistir, mas com que dinheiro? perguntou Jomard Muniz de Britto. Vamos de trem, sugeriu um otário. De trem? E quando chegaremos lá? O grupo dispersou-se, no começo, mas ao passar pelo Parque 13 de Maio, recebeu substancial reforço dos alunos da Faculdade de Direito, que desciam as escadarias, aos borbotões. Caminhamos ao largo do Santa Izabel e do Palácio das Princesas, pela frente do Teatro Barreto Júnior, onde eu assistia as comédias com Lúcio Mauro, e as vedetes gorduchinhas e um tanto decadentes, pegamos a Dantas Barreto e, ao passarmos perto do edifício Santo Albino, encontrei Manoel Torres, em pé, quebrando num terno branco impecável. O Curso Torres era o mais famoso e importante curso pré-vestibular de Direito do Recife. Torres tinha sido seminarista no interior da Paraíba e chegou ao Recife pobre, mas sabendo um latim e um português bestas. Eu havia me preparado para o vestibular de Direito de 55, da Federal, no seu curso, e em 1964 era seu professor de redação e de literatura francesa. Tínhamos grande admiração, estima e consideração pelo mestre, que, antes de mais nada, era amigo fiel. Torres me chama: "Não acompanhe esse pessoal, que isso vai dar bode. As tropas do Exército estão ali, na Praça do Diário, prontas para intervir. Essa turma é solteira e jovem. Você é noivo e vai casar agora." "Então vamos segui-los de perto", sugeri. Topou, com ressalva: "De perto, não, de longe". Assim foi. Mais adiante, ele segurou meu braço esquerdo: "Pare, que eles vão atirar!" Eu não servi ao Exército e não conhecia as posições dos soldados, nem o momento de atacarem – mas ele sabia. Logo depois, os estampidos de fuzil, dois corpos no chão, pânico geral. Na tarde do dia seguinte, Padre Paulo Menezes fez vibrante discurso ao pé da cova onde um dos meninos vitimados foi enterrado, no Cemitério de Santo Amaro. Nunca mais esqueci aqueles dois dias. Passados 45 anos, as palavras de espanto do saudoso amigo Manoel Torres ainda me acompanham no café, no almoço, no jantar e a hora de dormir: "Eles vão atirar!" E atiraram mesmo, tingindo de sangue a democracia.

DONA SALVINA

Veículo: Diário de Pernambuco

Publicado em: 09.06.1994

Eu trabalhava no SEC- Serviço de Extensão Cultural da UFPE, mais precisamente na Equipe Paulo Freire, pela manhã, e no Instituto Joaquim Nabuco, à tarde. Pouco depois de deflagrado o Movimento de Março de 1964, fui transferido para a inspetoria Seccional do Ensino Secundário.

Em Paulo Freire eu ensinava noções gerais de Economia Política, fazendo parte de um grupo em que se destacavam Jomard Muniz de Britto, Paulo Menezes, Astrogildo Andrade, Marcius Frederico Cortês, Luiz da Costa Lima e Jarbas Maciel. No Instituto Joaquim Nabuco, meus colegas não eram menos brilhantes: Roberto Motta, Roberto Cavalcanti de Albuquerque, Walter da Costa Porto, Adão Pinheiro, os irmãos Renato e Maximiano Carneiro Campos e Fernando Antônio Gonçalves, para citar apenas os de minha geração. No Instituto, eu coordenava cursos, encontros, conferências etc., e era o redator no boletim mensal. Mas talvez minha missão mais importante no Joaquim Nabuco fosse acompanhar seu diretor-executivo, o poeta Mauro Mota, em palestras sobre poesia moderna pelas capitais do Nordeste. E essa missão se explica: Mauro precisava companhia para compartilhar seu pavor a avião e para o drinque depois da palestra. Desconfio que Mauro me escolhia para tais passeios por mórbida afinidade masoquista: eu também tenho medo de voar, sentimento que sublimávamos no uísque noturno.

A equipe Paulo Freire gozava da fama de subversiva. Daí a perplexidade do distinto major Manoel Paes quando lhe informei que política era assunto estranho ao SEC. Tão estranho que, exilado do país, Paulo Freire passou a ser disputado pelas principais universidades do ocidente, inclusive Sorbonne e Colúmbia. Os mesmos erros cometeram com Celso Furtado. Por cautela, no entanto, a Inspetoria Seccional do Ensino Secundário achou prudente me isolar num cantinho de sala, com uma enfadada Remington, a chamada máquina peba, me nomeando seu datilógrafo oficial. O leitor me permita uma confidência sincera: sempre admirei profissões humildes. Tirante antigo sonho de grandeza, de ser comandante de transatlântico, o que eu queria ser mesmo era um bom honesto marceneiro. Que inveja daquele que trabalha a madeira de lei, com o verniz, o formão, o serrote e o martelo nos fundos da Catedral da Sé, reformando móveis seculares, recebendo a brisa fresca do mar de Olinda, enquanto passo engravatado pro foro do Recife. Mas me faltam habilidade manual, engenho e arte.

De maneira que o cargo de datilógrafo com que me deparei, repentinamente, parecia constranger mais meus companheiros de repartição do que a mim. E ainda tinha duas vantagens: eu trabalhava pouco e cochilava muito. E como as paredes têm ouvido, despertei certa tarde, de um desses cochilos. Com um insólito diálogo na sala vizinha, da diretoria: "Eu não acredito que um rapaz tão educado, de boa família, seja comunista. Ele não pode continuar naquela máquina e nós aqui precisando de fiscais". Quem bradava por aquele rapaz educado, de boa família, era dona Salvina, a insuspeitíssima Salvina Leitão Seve. E sua interlocutora, dona Lavínia de Arruda Câmara, a inspetora-chefe, irmã do famoso deputado federal padre Arruda Câmara. Com madrinha tão forte- dona Salvina- passei de dedógrafo a fiscal de ensino, pelo decreto oficioso da generosidade feminina.

No dia seguinte ao que a parede me contou, fui procurado por dona Salvina. Gordona, olhos alegres, ágeis e vivíssimos, transbordando bondade, ela me falou em tom mater-

nal: "A partir de amanhã, você vai trocar as calças "jeans" e as camisas esportivas pelo terno e gravata. Vai inspecionar as escolas". E assim foi feito. Passei a fiscalizar os colégios dentro de meus ternos e minhas limitações. Mas dona Salvina não se contentou em estender sobre mim o manto de sua proteção no trabalho. Convidava a mim, minha mulher e meus filhos para as festinhas de sua granja em Carpina, como fazia com os funcionários da Seccional. Uma forma de dizer a eles que eu era cidadão confiável. Nessas ocasiões, eu batia longos papos com seu marido, o médico Haroldo Seve, a quem ela sempre se referia com carinho, admiração e afeto. Poucas pessoas conheci tão discretas e afáveis como Dr. Haroldo. E dona Salvina Leitão Seve era dessas criaturas que não precisavam pedir licença para entrar no céu, pois tinha intimidade e prestígio com Deus e todos os santos. Quem conviveu com ela não me deixa mentir. E jamais a esquecerá.

SISTEMA PAULO FREIRE

Veículo: Jornal do Commercio

Publicado em: 14.05.1997

Conheci Paulo Reglus Neves Freire em 62, quando integrei sua *Equipe de Alfabetização de Adultos*, pertencente ao Serviço de Extensão Cultural da UFPE – SEC, a convite de padre Paulo Menezes. Encarregados da metodologia do sistema: Elza Maria, primeira mulher de Paulo, Astrogilda Andrade, Aurenice Cardoso, Maria Margarine e Maria Luíza Porto Carreiro.

Maciel Andrade produzia *scripts* para a "Campanha da Alfabetização" do SEC, na Rádio Universitária. Luiz da Costa Lima secretariava a revista "Estudos Universitários" e Paulo Pacheco tocava os cursos. Almerly Bezerra e Paulo Menezes realizavam palestras nos colégios e faculdades, expondo o método. Jomard Muniz de Brito promovia debates em grupos, Marcius Frederico Cortez mexia com literatura de cordel e eu com "Realidade Brasileira".

Em 31 de março de 64 o sonho acabou. Quase toda a equipe foi presa, processada e sumariamente demitida do serviço público. O IPM do SEC, de 30-9-64, concluiu que "O sistema de alfabetização utilizado realizava a mais torpe obra de politização".

Opiniões divergentes parecem ter, hoje, dois ilustres líderes civis da revolução, Marco Maciel e Roberto Magalhães (JC, 3-5, 97). Maciel: "Paulo Freire foi um apóstolo da educação, (...) Como seu amigo, admirador e pernambucano, testemunhei, desde o início, seu trabalho a um só tempo ousado e inovador na pedagogia, voltado para assegurar a todos *a plena participação numa sociedade democrática*". Magalhães: "Sem nenhuma dúvida, Paulo Freire, é um dos mais importantes educadores brasileiros deste século".

O reitor de Harvard definiu Paulo Freire como "um homem extraordinário".

Segundo o IPM, nosso grupo "era responsável pelo planejamento e início de execução da mais sutil e eficiente obra subversiva já realizada no Brasil". O presidente do inquérito escreveu: "Arthur Carvalho, Jomard de Britto e Luiz Costa Lima associaram suas atividades no SEC às conferências para universitários, nas quais lançaram no meio universitário pernambucano a semente nefasta da luta entre classes". Muita honra para três jovens e pobres marqueses. Honraria que poderia nos custar 30 anos em Fernando de Noronha (Lei 1. 802/53, art. 2, III), onde nos aguardava, de molho, o governador casado Miguel Arraes de Alencar.

A Justiça Militar funcionava num casarão colonial, nos fundos de um terreno da Conde da Boa Vista. Dia de audiência atravessávamos seu perfumado jardim com extenso roseiral. Pela primeira vez, considerei que as roseiras têm espinhos. Em novembro de 67, a barra pesou, impetrei *habeas-corporis*, no STM, através de Roque de Brito Alvez, com honorários especiais para réu desempregado. Sob a presidência do general Olympio Mourão Filho, Procurador-Geral Eraldo Gueiros Leite e relator Lima Torres, participaram do julgamento, entre outros, os ministros Ernesto Geisel, Pery Constant Beviláqua, Grun Moss, Saldanha da Gama e Terra Ururahy, sendo a ordem concedida, por unanimidade, "por falta de justa causa para um procedimento criminal". Mais oito denunciados aproveitaram o *writ*.

Em 69, o perigoso comunista Paulo Freire foi lecionar em Harvard, cujo reitor da escola de educação definiu-o como "um homem extraordinário", somente regressando ao País em 80, após longo exílio. O caipira Celso Furtado preferiu não voltar. O neobobo Josué de Castro morreu longe das palmeiras onde canta o sabiá. Pior pro Brasil.

ENGORDANDO COBRA

Veículo: Jornal do Commercio

Publicado em: 28.05.1997

Recebi telefonemas me pedindo para "explicar melhor" em que consistia mesmo o Método Paulo Freire de Alfabetização de Adultos. Primeiro, quero esclarecer que nós, da Equipe, preferimos chamar *sistema*. A ideia partiu de Jomard Muniz de Britto, numa de nossas reuniões, quando ele disse que, pela sua relevância didática, metodológica e filosófica, a revolucionária experiência ultrapassava as fronteiras de simples processo.

Em Angicos RN, por exemplo, os coordenadores do projeto pesquisaram 400 palavras e formaram 27 sentenças básicas e 18 palavras geradoras. Com vocábulos como *enxada*, o aluno aprendia não só o en-xa-da, como discutia a reforma agrária. Ao escrever *voto* e *povo*, os alfabetizados debatiam política e democracia no Brasil. Para o leitor ter noção da

alienação do matuto em 63, muitos garantiam que o presidente da república era Getúlio Vargas. O *sistema* espantou as classes dominantes, interessadas em manter o *status quo*.

Dos 300 alunos do curso de Angicos, 248 tinham de 14 a 39 anos, 45, de 40 a 59, e 7, de 60 a 70 anos. Dava de tudo: domésticas, presidiários, prostitutas. O objetivo era alfabetizar 10 milhões de pessoas, despertando-lhes o senso crítico para a cidadania. A libertação do homem pela educação. O general Castelo Branco fuzilou "você estão engordando cascavéis nesses sertões". Outros, deixando os reptéis de lado, falavam em comunistas, o que talvez venha ser o mesmo. Mas comunismo, como, se Cuba só adotou o *sistema* depois da *perestroika* e do fim do stalinismo na ilha?

Guardo alguns fatos interessantes desse período. Cheguei, certo dia, no SEC; encontro Paulo Freire triste, aperreado. Motivo: seu motorista pediu-lhe dinheiro pra comprar o remédio da filha e ele não tinha. Seu abatimento me impressionou.

Sartre foi fazer palestra na UFPE e Luiz da Costa Lima tacou-lhe pergunta tão extensa e erudita que o filósofo do existencialismo sugeriu que Luiz a repetisse, dividida em quatro, pra deleite e gargalhadas da plateia.

Um procurador da Justiça Militar, na época, me aconselhou brasileiroamente: "Se editarem o Ato Institucional nº2, se pique, porque vão caçar as bruxas". Assim que ouvi a notícia, pelo rádio, fui pros Guararapes e embarquei para Bahia. Desembarquei no Dois de Julho e com receio de pegar táxi e ser identificado (quanta pretensão), tomei um lotação enorme, cheio, sentei na última poltrona e descí, discretamente, três quarteirões antes da casa de tio Heitor, onde iria me hospedar. Na manhã seguinte, na praia da Barra, Heitor me apresenta ao motorista da lotação. E o destino, gentilíssimo: "Já conheço; trouxe ele do aeroporto ontem".

De Salvador voei pro Rio. Fugindo do Recife, eu estava desobedecendo ordens expressas do Major Manoel Paes, presidente do IPM do SEC: "Não se comunique com ninguém da Equipe e não deixe Pernambuco sem minha autorização".

Na segunda noite no Rio, resolvo visitar um parente em Botafogo. O elevador pára no quarto andar, quem entra? Major Paes em carne e osso. Ele estranhou; eu também; nos cumprimentamos formalmente, descí no oitavo, meu destino, ele prosseguiu viagem. Nunca mais o vi. Aproveito para agradecer o sanduíche de queijo com Coca-Cola gelada que ele ofereceu enquanto me interrogava e devorei. Um banquete para quem estava 24 horas em jejum.